



Parceiros das Missões

Brasília - Novembro 2014 - Ano III - N° 30



Reunião de membros da comunidade embaixo de árvores

CNBB SUL 2 envia missionários a Guiné Bissau

As dioceses do Paraná
realizam Projeto de
envio de missionários
à África.

(Pág. 11)



Jeitinho brasileiro para evangelizar cubanos

O capuchinho maranhense Frei Messias visitando
famílias da periferia da cidade de Santa Clara.

(pág. 4 e 5)

Bangladesh: Pe. Almir conta sua difícil adaptação como missionário (pág.7)



Pe. Almir

Pra começo de conversa

Inúmeros são os exemplos de generosidade e doação de nossos missionários em terras estrangeiras ou na Amazônia. São gestos de fidelidade ao mandato de Cristo que ordena irmos adiante, em águas mais profundas. Nesta edição temos o testemunho de missionários em Cuba, Perú, Moçambique, Bangladesh, Equador e Guiné Bissau. Cada um, na sua realidade, enfrentando todas as dificuldades para a expansão do Reino. É preciso semear, sem esperar pela colheita, não ter medo de avançar, de caminhar, com a alegria, pois o missionário semeia esperanças junto ao seu povo. Ele deixa rastros que devem ser palmilhados por homens e mulheres corajosos, cheios de fé e de amor. Avante, pois.
O editor

MOÇAMBIQUE



Agradeço a Deus pela conectividade que o Parceiros das Missões conseguiu construir no mundo missionário da igreja. Por ele sabemos por onde viaja o evangelho de Cristo e a catequese da igreja. Aprendemos a doar mais um pouco de nós

mesmos, e a valorizar os insignificantes gestos de misericórdia. Do sacrifício dos missionários vive a nossa Igreja. Deus abençoe a equipe deste jornal que também é missionário.

Na foto, dificuldade de visitar comunidades.
Pe João Lúcio sdn

MOÇAMBIQUE

Caros amigos do Jornal Parceiro das Missões. Nesta nova maneira consegui entrar e acabei de ler. Esta edição está especial por seu conteúdo missionário. Estou em Moçambique, como missionária, há quase 30 anos. Posso dizer que minha vida religiosa consagrada se concretizou na Missão. Em qualquer tempo e em qualquer lugar podemos ser missionários, mas deixar sua terra e partir, tem um significado especial na vida da/o missionária/o. Este mês convida-nos a intensificar nossa missão. Sinto-me unida a todos os missionários. Parabênzo os responsáveis pelo jornal que divulga as ações missionárias no mundo. Unida a todos pela oração,
Ir. Amélia Marcon (Irs. I.C.M. brasileira)

BRASIL

Caros amigos!
Obrigado por me mandar o jornal digital Parceiros da Missões. Sou um missionário do PIME. Trabalhei 30 anos na Costa do Marfim e agora estou em Ibiporã, casa dos idosos como responsável. Gosto muito de ler o jornal porque continua me animando para a missão Ad Gentes. Muito obrigado e que Deus o ajude na vossa missão. Fraternalmente, padre Carlos da Silva PIME

BRASIL

Agradeço o envio do Jornal Parceiros da Missão. Acabo de ler o jornal de outubro. É muito bom, cada mês, acompanhar as notícias da atividade missionária de tantas e tantos religiosos. Na diversidade de serviços e lugares nos irmanamos na missão de levar o amor de Deus aos irmãos e irmãs. Muito obrigada,
Ir. Dazir

BRASIL

Olá, muito obrigada.
É uma alegria receber o jornal. Agora sim pude vê-lo.
Parabéns a todos também pelo Dia das Missões. Unidos em oração.
Fátima

BRASIL

Obrigada pelo reenvio do jornal, que para mim é leitura indispensável.
Enviarei notícia. Estou em dívida com vocês. Além de agradecer, quero dizer que muito me sensibilizou o apelo de Cuba.
Abraço, Silvia.

BRASIL

A todos vocês minhas preces !!!
Muito obrigado pelo lindo trabalho.
Ir. Onesir, Apóstola do S.C. de Jesus



SGAN 905 - 70790-050 Brasília - DF
Fone 61- 3340.4494
E-mail: parceirosdasmissoes@pom.org.br

Jornal Digital das Pontifícias Obras Missionárias do Brasil
Brasília - Novembro de 2014 - Ano III - N° 30

Diretor: Pe. Camilo Pauletti

Edição: Jorn. Camilo Simon (Reg. Prof. n. 3248)

Missionários brasileiros realizam encontro no Equador



Diretor das POM presente ao encontro em Quito

Missionárias e missionários brasileiros que trabalham em terras equatorianas se reuniram, no dia sete de outubro, pelo sexto ano consecutivo, para celebrar a festa de Nossa Senhora Aparecida e marcar o início do Mês das Missões. O diretor das Pontifícias Obras Missionárias (POM) do Brasil, padre Camilo Pauletti, partilhou sua experiência de missão e falou sobre o documento 100 da CNBB “Igreja, comunidade de comunidades”.

A perspectiva é de que a caminhada da Igreja no Brasil possa iluminar e animar o serviço dos missionários brasileiros que atuam no Equador.

O encontro reuniu, na Casa de formação dos padres Cavanis, em Quito, 25 missionários provenientes de dez estados brasileiros (Amazonas, Maranhão, Sergipe, Pernambuco, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul). Na missão, o grupo trabalha em oito Províncias do Equador (Esmeraldas, Los Ríos, Imbabura, Pichincha, Chimborazo, Pastaza, Napo e Sucumbíos). Participaram também, dois missionários equatorianos que trabalharam no Brasil e com brasileiros que vivem no Equador.

Segundo relato feito pelo padre Júlio César Caldeira, missionário da Consolata do Rio de Janeiro que vive em Sucumbíos, na Amazônia equatoriana, a alegria foi

um dos pontos chaves do encontro, “desde a partilha das vivências missionárias, das inquietações e das motivações para seguir a missão nesta querida terra”. As reflexões do padre Camilo reforçaram a convicção de que “não é possível comparar e transportar o modelo do Brasil para o Equador, mas é necessário fazer um processo de kenosis (“tirar o sapato”), rebaixando-se à realidade do povo (“entrar neste chão”), e ao caminhar com ele, ir construindo um verdadeiro processo evangelizador”.

Em sua reflexão, o diretor das POM no Brasil sublinhou ainda, a importância de fomentar “uma verdadeira mística do discípulo missionário, onde tenhamos a certeza de que ‘conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria’” (Dap 29).

O encontro concluiu com a Eucaristia da solenidade de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil e “exemplo de autêntica discípula missionária”. A missa foi presidida por dom Celmo Lazzari, bispo brasileiro do Vicariato de Sucumbíos. O próximo encontro será realizado em outubro de 2015, na província de Esmeraldas, zona litorânea do País.

Padre Júlio Caldeira.



Frei Messias: o jeitinho brasileiro em missão em Cuba



Frei Messias conversando com moradores

O jeitinho brasileiro está ajudando um missionário a atrair pessoas para a comunidade católica em Cuba. Trata-se do frei Messias Souza Neto, um maranhense da diocese de Grajaús, capuchinho e apaixonado pelo seu trabalho pastoral, na cidade de Santa Clara, no centro do país. Esta cidade venera Che Guevara, que é considerado o seu filho mais ilustre, como comandante da Revolução cubana, apesar de ser argentino.

“Minha vinda para cá deveu-se a um velho sonho, desde os tempos do segundo ano de teologia, quando um capuchinho falou das necessidades prementes que Cuba passava com a falta de sacerdotes. Fiz minha primeira experiência no Brasil, nas comunidades eclesiais de base e depois vim para Cuba. Primeiramente fiquei em Havana e depois fui para Manzanillo, no Oriente e agora encontro-me em Santa Clara, onde participo de uma fraternidade com mais dois sacerdotes”.

Santa Clara tem 137 mil habitantes, com duas paróquias. Frei Messias trabalha na comunidade de La Pastora. “Tudo o que havia aqui de comunidade paroquial foi destruído pela Revolução cubana que conseguiu, em mais de 50 anos, impor uma ideologia ateia, sem Deus. Apesar de todo o sofrimento do povo, com uma lavagem cerebral profunda, ainda assim percebe-se a presença da religião nos mais idosos, que agora estão se animando a voltarem à Igreja, apesar do medo que existe em assumir alguma responsabilidade. Tudo aqui é difícil em relação à pastoral, porque o povo foi ensinado a ter ódio de qualquer religião. Ninguém ousa comprometer-se. Como todos os colégios religiosos foram fechados, há mais de 50 anos, não há mais qualquer vestígio de religiosidade na juventude, que

sonha apenas com mais conforto, mais prazer e se possível fugir para os paraísos capitalistas, no exterior”.

Frei Messias está convicto que sua missão é deixar uma semente para que no futuro, outros missionários colham resultados. Não compete a ele, como pastor a certeza de ver crescer o rebanho de fieis. Por isso, aplica o velho jeitinho brasileiro para conquistar amigos, através da caridade, da ternura, da afabilidade e da disponibilidade. A juventude e as crianças são suas opções de trabalho. A juventude, no entanto, não quer um compromisso sério, pois não tem aquela base religiosa que deveria ter recebido de seus pais, já que muitos são ateus. Já os adultos ainda tem medo de um maior compromisso com a comunidade, pois poderão ser perseguidos pelas autoridades. O frei revela que apesar de uma maior

liberdade religiosa dada pelo governo, ainda assim a Igreja sofre perseguições de forma indireta, como a não concessão de vistos para os missionários estrangeiros, a demora em dar respostas ou permissões sobre atos que uma paróquia deseja realizar como procissões ou mesmo não concedendo autorização para a compra de um automóvel.

“Podemos fazer proselitismo religioso somente dentro da igreja e das nossas dependências como o salão paroquial com catequeses e palestras. Fora disso, não há possibilidade de maior liberdade. Por isso, um dos trabalhos que os missionários realizam é a Pastoral da Saúde com visita aos enfermos em hospitais, nas casas e asilos de velhos. “Consegui a muito custo entrar em um hospital vestindo o hábito de capuchinho”- diz frei Messias, contente com esta conquista.

O trabalho na periferia é mais gratificante. O povo é muito acolhedor, pois para eles falta tudo. Daí, existe toda uma dinâmica de acolhimento, de escuta, pois o povo deseja desabafar seu sofrimento, suas inquietudes e sua falta de esperança.” Estamos reformando capelas que nos foram devolvidas pelo governo, completamente sucateadas, pois foram transformadas em escolas ou em galpões para depósitos de alimentos ou outros víveres. No entanto, apesar do pequeno número de católicos, é preciso lançar sementes do Reino de Deus. Este é o mistério do Reino. Nossas igrejas estão abertas para todos, especialmente para os mais pobres e para aqueles que vão à igreja para uma manifestação silenciosa como por exemplo das “damas de blanco”, que protestam contra a prisão de seus maridos.

Frei Messias revela que para ser missionário em Cuba é preciso muita dedicação e

principalmente compreensão da índole do povo e de sua inserção na chamada Revolução castrista, com poucos resultados econômicos, para uma vida melhor para todos. Apesar das conquistas no ensino e na medicina, o povo continua adormecido à espera de mudanças que não vieram. Por isso, a palavra esperança é a que mais se nomeia. “Aqui vive-se para sobreviver e a preocupação é com o que vamos nos alimentar hoje e amanhã. Há muita solidariedade entre o povo”.

Frei Messias, deposita grandes esperanças em novos missionários brasileiros. “O missionário ou missionária do Brasil tem muita afinidade com o povo cubano que possui características de um nordestino. Seria fácil a adaptação, tendo um coração aberto para o sofrimento do povo. Por isso, convoca os seminaristas, sacerdotes e religiosas para assumirem em Cuba uma nova missão, que na verdade, será uma das mais árduas da vida. Precisamos de gente corajosa, disposta a inculturarse em um país, cujo regime político ainda atrapalha



Capela no Bairro Boqueirón, em Santa Clara, Cuba

a pastoral missionária, mas que os obstáculos são transponíveis com amor, generosidade e cautela”.

Perseguição religiosa em Cuba

Cuba era um país católico até a Revolução. A partir dela, as práticas religiosas foram sendo proibidas, até que em 1961, houve a expulsão de 131 religiosos católicos de 14 diferentes nacionalidades. As igrejas foram fechadas e todas as escolas e creches, pertencentes a entidades católicas, foram confiscadas, com a expulsão de centenas de religiosas que tiveram que voltar para seus respectivos países. Um golpe mortal foi o fechamento de todas as escolas católicas, de maristas, lassalistas e de freiras. Foram em torno de 250 escolas e até hoje nenhuma foi devolvida. É proibido abrir escolas particulares. A partir daí, Cuba decretou-se estado ateu, o nome de Deus foi abolido.

Passados 55 anos da Revolução, somente os idosos ainda professam a religião. As novas gerações foram instruídas a pensar que “a religião é o ópio do povo”, e não só a doutrina deixou de ser ensinada, como todos os valores que ela prega e de modo especial, a importância da família. Nos últimos anos, entre as reformas de abertura do sistema, Fidel Castro mudou a constituição e decretou Cuba como um estado laico, ou seja, com respeito a todas as religiões.

Após a ida de João Paulo II a Cuba, houve uma abertura para com as igrejas, mas veladamente são impostos tantos controles e limitações ao trabalho dos missionários, que se torna muito difícil formar comunidades. Aos poucos, o governo está devolvendo as igrejas confiscadas e permitindo a prática dos cultos, contudo, continua a proibição de procissões fora das igrejas e estas só acontecem com autorização da Secretaria de Assuntos Religiosos. De modo geral, todas as atividades devem ser feitas dentro das igrejas. Em várias cidades, o governo devolveu templos completamente sucateados. Em Santa Clara, uma capela, (foto abaixo) que tinha virado armazém foi devolvida e a paróquia já a reformou. Em Manzanillo, uma capela dentro de um asilo foi devolvida, mas o asilo que era dirigido por religiosas continua como asilo estatal. A tática do governo é de não brigar com os bispos, mas sim obstruir de todas as formas o desenvolvimento de uma comunidade católica, dificultando a pastoral religiosa. Funciona assim: se o governo quiser se livrar de um padre missionário, não renova seu visto e o padre é obrigado a sair do país; se o missionário precisar comprar um carro para trabalhar, a Secretaria de Assuntos Religiosos escolhe o carro ou, simplesmente proíbe a compra; se surgirem lideranças leigas na comunidade que está se formando, o governo concede facilidades para estas pessoas obterem o visto e sair do país. Também existe a dificuldade de imprimir publicações internas das Igrejas. O método é barrar a compra de papel, com a desculpa de que está em falta no mercado. Para impedir o avanço da Igreja há a proibição de construir novos templos. A solução encontrada foi comprar casas no meio das vilas e transformá-las em lugares de culto. São chamadas “Casas de Misión”. Outra alternativa muito comum, é a celebração de cultos em casas de família, nas quais o proprietário reforma sua casa para abrigar um certo número de pessoas. Assim, é muito difícil para um leigo, católico ou não, praticar uma religião. Por isso, a tal liberdade religiosa, tão propalada em Cuba, é uma falácia que não resiste aos fatos do dia a dia.



De Moçambique, Pe. Dilton envia recado

Carta aos Participantes da Assembleia do COMIRE Leste 2 da CNBB. Minas Gerais e Espírito Santo - 19 a 21/09/2014.

A Assembleia foi realizada em Vila Velha -ES e pela ação divina vocês foram impulsionados a refletirem mais uma vez sobre o dinamismo da Missão ad intra e ad extra. Nestes dias abençoados em que vocês estarão aí reunidos em Assembleia, eu estarei aqui além mar rezando e em sintonia com vocês.

Aqui na África sinto o quanto essas palavras bíblicas são exigentes: “Ai de mim se não anunciar o Evangelho” (1Cor 9,16). E cada um de vocês deve se sentir incomodado com essas palavras pois, o Evangelho não pode ficar parado e a missão de anunciá-lo foi entregue a cada um de nós no dia do nosso Batismo: Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos... (Mt 28, 19).

“O Encontro do Evangelho e da Igreja com a diversidade cultural no nosso continente, numa relação simétrica, é ainda um território pouco explorado, onde Deus nos antecede e com a qual o Evangelho, como no início do Cristianismo, é chamado a dialogar, seja entre nós como além das nossas fronteiras, onde povos e culturas podem mostrar-nos a face do rosto de Deus que eles contemplam. Somos chamados a ser protagonistas da experiência cristã.

Hoje, como ontem, somos convidados pelo Espírito que fala no mundo a apresentar um modo de ser e fazer a missão que não perca de vista o essencial, o anúncio a todos os povos do Evangelho do Reino.

Uma Igreja Missionária, que não permaneça imóvel a contemplar-se no espelho, desarmada pelos seus próprios desafios locais, e que renuncia a olhar pela janela de sua casa para o mundo que espera por ela e pelo anúncio das riquezas que o Evangelho de Cristo lhe tem concedido”. (Missão no Mundo Pluricultural - Ed. CNBB p.p 52 - 53).

Vivo hoje a experiência do anúncio além fronteira. Não é fácil, é desafiador. Cultura, costumes, idiomas, ausência de familiares, amigos... mas como diz um trecho de uma música “Aqui ganhei outro povo, maior do que aquele que deixei, achei-me em casa de novo, de Deus a todos falei”. Muitos me pergutam: “como você faz pra se comunicar com esse povo”? Eu respondo: não é difícil pois a linguagem do Espírito Santo é a linguagem do Amor e essa é compreensível em qualquer lugar do mundo em meio a qualquer diversidade de cultura e costumes.

Aqui na Província do Niassa - Moçambique é uma das regiões mais pobres do país, onde é precária a área da saúde, da educação, de



infraestrutura, de segurança... A Igreja carece de muitos e muitos missionários. Os católicos são em menor quantidade predominando os muçulmanos com os quais temos uma relação fraterna. Existem algumas Igrejas Evangélicas conhecidas nossas como Assembleia de Deus e Testemunhas de Jeová. Vale ressaltar que mesmo sendo em menor quantidade, o católicos aqui, vivem de fato, uma Igreja Ministerial. Eles evangelizam, celebram e difundem o Reino de Deus nas comunidades.

Quanto a mim, há quase 6 meses junto desse povo que Deus me confiou, às vezes me sinto muito só, pois o meu grupo além fronteira é composto de quatro pessoas comigo, sendo duas leigas, uma consagrada e eu. Esse grupo fica em Cuamba 120 Km daqui e por necessidade da Igreja local, o Bispo daqui pediu-me que eu assumisse essa paróquia. Mas estou sempre em contato com o meu grupo. Outro desafio é o atendimento às comunidades. A paróquia não tem carro e preciso contar com o apoio das Irmãs da Divina Providência que estão aqui também nessa Paróquia. Mesmo com essa precariedade de transporte já visitei 27 das 39 comunidades paroquiais. Em muitos lugares, só na garupa de moto pois não há passagem para carro. Mas é gratificante quando você chega às comunidades e sente a alegria no rosto de cada um que ali se encontra. Estou muito feliz! O que me incomoda as vezes é a pressão alta que se descontrola mesmo tomando a medicação.

A vocês desejo uma Assembleia fecunda, cheia do ardor missionário de que a Igreja necessita, pois “todos precisamos, sem dúvida, fortalecer nossa vivência da fé e nossa entrega a Jesus Cristo, porque sabemos que Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida, que Ele é em pessoa a Missão, que Ele é em pessoa o Reino de Deus, e isso é algo que temos de mostrar em nossa atitude e em nosso modo de assumir com Ele a Missão que é dele e de Sua Igreja, Igreja que, pela infinita bondade de Deus, somos nós”. (Missão no Mundo Pluricultural - Ed. CNBB p.77). Com o meu abraço fraterno.

Pe. Dilton Maria Pinto - Padre da Diocese de Guanhões em Missão na África.

Bangladesh: a difícil adaptação do missionário Pe. Almir (PIME)

O missionário do PIME, Pe. Almir Azevedo envia suas reflexões sobre seu período de adaptação na sua terra de missão que é Bangladesh. Aqui o resumo de suas observações:

Política: Estamos vivendo um período de muita 'tranquilidade' aqui no Bangladesh. Depois das eleições do início do ano, tudo ou quase tudo, parece ter retornado ao normal, porque antes das últimas eleições se vivia verdadeiramente um clima de intranquilidade. Saibam porém, que a eleição foi realizada com a presença de um só partido, aquele que era já do governo, apoiado pelos militares. O governo atual, portanto venceu com uma maioria absoluta. São cinco meses sem greves gerais. Porém, as vozes de corredor dizem que algo está por vir. Muitos dizem que esta 'tranquilidade' da oposição e dos partidos islâmicos radicais não é nada normal. A aqui o importante mesmo é sobreviver.

Religião: Três meses atrás uma missão foi assaltada por um grupo de bandidos. Eram 40 ou 50 pessoas armadas. A missão assaltada se chama Boldipur, localizada ao norte do país, na diocese de Dinajpur, a 40km de Khejrupur, onde moro. Os bandidos renderam os guardas, amarraram o pároco. Roubaram alguns objetos pessoais e se dirigiram à casa das irmãs. Ali, agrediram as religiosas e roubaram computadores e documentos da escola. Muitos dizem que se trata de accertos de contas, pois as irmãs tem uma grande escola, onde há mais de cinco anos, tem uma questão na justiça. Um grupo de muçulmanos reivindica que aquele terreno onde a escola foi construída é deles. Esperamos que tudo se resolva logo.

Khejrupur: no mês de agosto tivemos a visita de duas jovens italianas. Sara e Chiara fazem parte de caminhos formativos para jovens que o PIME tem na Itália. Foi muito positiva a presença delas no meio dos nossos jovens, crianças, adultos, mas não foi nada fácil a adaptação delas. Porém, quando a experiência terminou, se percebia que as mesmas tinham vivido estes 25 dias com muita intensidade e espírito de sacrifício: dormindo em colchões duros, comendo a nossa comida com muita pimenta, viajando por estradas esburacadas e ônibus quase assassinos, não sabendo falar e muito menos compreender algo... Enfim foi uma experiência maravilhosa. Sara e Chiara viveram por 25 dias como vivem os bengaleses de Khejrupur. Foi emocionante vivenciar o momento que as duas deixaram o nosso p o v o a d o -



Sara e Chiara



Jovens curtindo o futebol

missão. Foram rodeadas de pessoas, em maior número de meninas, que choravam e pediam para retornarem outra vez. Sara e Chiara, muito obrigado por tudo! Continuaremos unidos na oração. E que Jesus continue iluminando as vossas vidas e as nossas. Vocês foram um sinal de amizade entre povos distantes.

Esporte: Depois da copa do mundo, onde o Brasil foi humilhado pela Alemanha, perdendo por 7x1, aqui na comunidade de Khejrupur, a vida não parou. Finalmente conseguimos terminar a construção de um pequeno campo na missão. Não é por nada comparável aos estádios da copa, mas os meninos com os quais trabalhamos na construção, cortando árvores, carregando terra, cavando aqui e lá... dando forma a um campo em meio a uma quase floresta. Repetem sempre: padre Almir, agora também nós temos o nosso Maracanã! Não importa se o nosso gramado é formado de barro, areia, água, cocô de vacas e de galinhas. O nosso Maracanã tem ainda as traves de bambú, mas é maravilhoso ver como as nossas crianças se divertem continuamente nas tardes calorosas de Khejrupur.

Terminando: como vocês bem sabem, estou ainda estudando a língua. Porém, neste momento me sinto muito tranquilo, confiante, leve... Estou fazendo progressos: celebro missas, abençou matrimônios, batizo, faço homilias, viajo, participo de encontros, organizo atividades para os jovens e crianças. Não consigo ainda assimilar tudo, mas me arranjo. Deus me ajudará nas dificuldades.

Neste período me encontro em Bangkok. Fui operado do joelho esquerdo. O médico que me operou disse que vou precisar de um bom tempo e de muita paciência. Infelizmente vou ter que pendurar as chuteiras e a minha bicicleta por seis meses. Que pena! Assim, jogarei xadrez...

Agradeço a todos que continuam me ajudando, fazendo com que eu possa continuar ao lado de quem mais precisa. A vossa ajuda é uma certeza que a missão é um compromisso de todos nós cristãos. Com amizade, gratidão e espírito missionário,
Almir Azevedo, PIME.

Perú: Missão nos Andes

No alto dos Andes, em uma cidade localizada a 250 km de Cusco, ali está implantada uma missão religiosa da congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, de Irmã Amabile Avosani. Fica na cidade de Echarate, província de La Convención, Departamento de Cusco - Perú. Se encontra na vertente oriental dos Andes no vale do Rio Urubamba, com uma extensão de 21,372.88 Km² e com uma população projetada em 2012 de 45.357 mil habitantes. Abarca 63% do total do território da província, chegando ser o maior Município do Peru. Pertence ao Vicariato Apostólico de Puerto Maldonado. É uma grande extensão de área verde que faz parte da Amazônia



Reunião com a comunidade

encontram-se o café, cacau, coca, colorau entre outros. O cultivo de café é abundante em toda a região. Quanto ao cultivo da coca, este cultivo cumpre um papel na economia familiar e sua conservação de tradições andinas.

Em seu solo se localiza a produção de gás de hidrocarburos de Camisea, que conta com reservas estimadas de 13 trilhões de pés cúbicos de gás natural e 660 milhões de barris de líquidos.

Vida paroquial

As irmãs Teresinha Dalcegio e Ana Maria Correa pertencem à a comunidade da paróquia de Quillabamba, distante 35 km de Echarate. “Infelizmente temos poucos missionários por esta região. Assim as comunidades são poucos assistidas pela Igreja. Sentimos que nós Irmãs Catequistas

Franciscanas somos convocadas por Jesus Cristo a partir do Evangelho e como missionárias a levar esperança, ajudar na evangelização e formação humana, a lutar em defesa da vida e a buscar uma vida mais digna para todos. Temos como objetivo geral: Formar líderes e fortalecer as comunidades cristãs católicas, mediante uma atenção pastoral, com um programa de formação para leigos das comunidades camponesas e comunidades da cidade”.

As religiosas têm uma noção exata de sua missionariedade. Afirmam que: “O que faz alguém sentir-se bem em sua missão é estar a caminho, sair, partir com alegria, sem saber muito bem o que pode encontrar nesta nova realidade. O



Caminho de Cusco a Echarate

Peruana. Sua altitude varia entre 1.000 a 1.800 metros acima do nível do mar.

Explica a Ir. Terezinha Dalcegio, catarinense de Botuverá, que em Echarate constata-se a presença de diferentes grupos de nativos como os Manchiguengas, los Yines - Yami, os ashánincas entre outros, bem como a presença de agricultores.

No território de Echarate se desenvolveu uma série de acontecimentos culturais, econômicos e políticos desde a época pré - Inca até a República, deixando uma rica história que lhe dá um conteúdo muito singular a este espaço.

A base da economia é produção agrícola. É seu principal meio de sustento das famílias camponesas. Entre os principais cultivos da zona,

diferente que vai encontrando é a graça que irá fortalecer o chamado de Deus para sermos verdadeiramente discípulas e missionárias do mestre Jesus. Ele foi o grande missionário além-fronteira que percorreu o mundo de sua época. Jesus quando chama, não chama para um determinado tempo, mas chama a seus discípulos para que continue sua missão. Este chamado é para sempre, portanto devemos fazê-lo com carinho e com um coração aberto à graça de Deus, deixar-se ser conduzido pela fonte que é Jesus.

Nosso primeiro momento foi de escutar, olhar, aproximar-nos das pessoas. Deixar o coração sentir a vida. Viemos com o desejo de contribuir, mas também com o grande desejo de compreender a dimensão salvífica de Jesus, que não se prende a um sistema de governo, mas que ultrapassa as fronteiras das nacionalidades “A terra é nossa casa comum, e todos somos irmãos” (EG 183). Quem assume seu caminho, se torna caminho de Jesus. Na fragilidade, simplicidade, alegrias e dores vamos aprendendo e nos convertendo ao sabor da vida e riquezas vividas pelo povo, respeitando assim sua vida e espiritualidade”.



Educação nas escolas

Explica Ir. Teresinha que “o que é sagrado são as festas dos santos padroeiros. São momentos significativos de fé, respeito e carinho aos seus protetores. É algo que emociona. É um sentimento verdadeiro, que brota da alma do povo. Como não aprender com esta espiritualidade? Para mim são momentos que me emocionam, contemplo-os pois questionam e me fazem refletir sobre minha fé. São vida, energia, ardor ... que dinamiza e fortalece



Encontro com crianças da IAM

minha caminhada. Respeito porque sinto que é um sacramento para suas vidas.

Creio que é uma riqueza muito grande poder partilhar com outros povos e culturas. É um tesouro que Deus nos oferece e o recebemos para tornar o coração mais sensível e misericordioso. Não é uma aventura de fazer coisas extraordinárias, mas Deus nos chama para semear, acolher, cuidar, sentir, amar... portanto, atravessar fronteiras é encontrar Deus pelo caminho, um caminho totalmente desconhecido. Apesar de tudo Deus continua a nos chamar e sempre seremos discípulas e missionárias de Jesus”.

As duas religiosas são agradecidas pelo trabalho missionário que realizam. Afirmam que “com o coração sincero e sem medo podemos dizer que não é somente uma experiência para nossas vidas, mas sim uma busca da vivência e cultivo da sensibilidade humana para sentir cada vez mais os humildes e uma contínua conversão para viver com mais confiança, fidelidade e alegria nossa vocação. “Ide e fazei que todos os povos sejam meus discípulos” (Mt 28,19).

Se consideramos o povo como sendo da nossa família, nos sentiremos como se estivéssemos em nossa própria pátria e casa, bem como em meio de nossa própria família, porque vamos criando laços de amizade, carinho e de cuidado onde o povo também responde com as mesmas atitudes em relação a nossa presença”.

Ir. Marta: Sete anos como missionária em Cuba



Ir. Marta: ação administrativa e pastoral social

Os 32 anos de vida religiosa não foram suficientes para diminuir a vontade e o ardor missionário da Ir. Marta Dias, da congregação das Filhas de Nossa Senhora do Monte Calvário. Nascida em Piranga, Minas Gerais, Ir. Marta, desde cedo manifestou sua vocação pela vida religiosa. cursou ciência da Religião e Pedagogia. Trabalhou em Cáceres no Mato Grosso e na casa de missão em Minas Gerais, por 10 anos. Ali dedicava-se à catequese, trabalhando com crianças e jovens.

Foi um convite feito pela superiora geral da congregação que a fez mudar totalmente de vida. A congregação abriu uma missão em Cuba e Ir. Marta foi uma das primeiras a se apresentar como voluntária. “Na época foi muito difícil devido aos trâmites burocráticos e uma certa apreensão em trabalhar num país comunista. Mas, o chamado e o ardor missionário superaram todas as barreiras e juntamente com mais três irmãs, se apresentaram ao bispo de Santa Clara (Cuba) para um trabalho burocrático na própria cúria diocesana. Depois de alguns anos, duas colegas não aguentaram e retornaram aos seus países, ficando apenas Ir. Marta e Ir. Mônica, argentina da província do Chaco. “Aqui estamos há sete anos cumprindo nosso papel no Reino de Deus, na diocese de Santa Clara. Não é um serviço fácil pois temos que administrar uma casa onde nossos funcionários são cubanos. Tivemos de nos adaptar aos seus costumes e principalmente no modo de vida da população. Atuamos também junto ao Santuário, com catequese para jovens, adultos e crianças, uma atividade lenta, de acordo com os passos do Senhor, para esta realidade. Os mais de 50 anos não conseguiram apagar de toda a chama da fé do povo, principalmente para a devoção à Virgem da Caridade do Cobre, a padroeira de toda Cuba.

Ir. Marta não estava totalmente satisfeita somente com suas atividades junto à Cúria e foi trabalhar junto ao povo, criando uma Casa de Missão na periferia da cidade. “É a casa de uma senhora que cede seu espaço para realizarmos o culto católico, bem como a catequese e o processo de conversão de pessoas para o cristianismo. Geralmente são 30 a 40 pessoas que se reúnem em torno de uma mesa para o conhecimento da bíblia, para o catecumenato e finalmente para a reinserção ao catolicismo. Em todos estes anos de trevas, a Revolução tentou extinguir a fé, com perseguições, ameaças e obstáculos, pois o país por muitos anos, foi considerado ateu. Hoje com a mudança da Constituição, o país é denominado de laico. Por isso, a igreja Católica fiel aos seus princípios, mostrou-se conservadora no seu modo de se apresentar. Seguiu-se estritamente normas romanas desde antes do Concílio Ecumênico Vaticano II. Hoje, novos planos pastorais procuram atualizar a pastoral com novos métodos e novos rituais”. Conta Ir. Marta que era uma dificuldade levantar as mãos na hora da oração do Pai Nosso ou no abraço da paz, pois tudo tinha que ser de acordo com as leis canônicas. Hoje a Igreja de Cuba trabalha a religiosidade popular que possui um sincretismo religioso muito grande, misturando religiões e crenças com os espíritas e com a chamada santeria, uma espécie de crença do candomblé do Brasil. O que une todos os cubanos é a fé na “Virgen de la Caridad Del Cobre”, venerada por católicos, ateus e todas as religiões.

Para o próximo ano, a congregação pretende abrir uma Missão junto à periferia da cidade e então o foco será voltado para os mais pobres. Este novo desafio já está sendo estudado de acordo com o carisma da congregação.



A colega argentina, Ir. Mônica

CNBB Sul 2 envia missionários à África

Já estão em Guiné Bissau, os três primeiros missionários da CNBB Regional Sul 2. Em janeiro de 2015, irão outros dois para completar este primeiro grupo. No mês de setembro, a Regional Sul II da CNBB (Paraná) completou 50 anos de criação. O evento foi no Santuário Nossa Senhora de Guadalupe, de Curitiba, dia 27 de setembro, com envio dos cinco missionários para Guiné Bissau.

Participaram da missa todos os arcebispos, bispos efetivos e eméritos do Paraná, bispos das duas Eparquias Ucrânicas e dom João Bosco Barbosa de Sousa, bispo de Osasco (SP).

No final da celebração que foi presidida por dom Mauro Aparecido dos Santos, presidente do Regional Sul 2 e arcebispo de Cascavel (PR), cinco missionários foram enviados para Guiné Bissau, onde na Cidade de Quebo, diocese de Bafatá, o Regional iniciará uma Missão com essa equipe. Para isso, o Projeto conta com o apoio de todas as dioceses e comunidades do Paraná.

Fazem parte do primeiro grupo, três missionários da diocese de Ponta Grossa, o diácono Pedro Avelino Lang e sua esposa, Salete Terezinha Lang da Cidade de Ponta Grossa e o diácono Metódio Retexin da Cidade de Telêmaco Borba. Os leigos da arquidiocese de Curitiba, Odaril José da Rosa e Elaine Aparecida Machado, completam o grupo. Na ocasião eles receberam a cruz, sím-



Primeira celebração em Guiné Bissau

bolo da entrega e seguimento de Jesus na missão assumida naquele país africano.

Quem acolheu os missionários foi a Igreja Católica de Guiné Bissau, na Diocese de Bafatá. O bispo da Diocese, Dom Pedro Zilli, confiou à Igreja do Paraná a evangelização da cidade de Quebo, com cerca de 20.000 habitantes e que até o momento conta com menos de 100 fiéis cristãos. A população é prevalentemente muçulmana e da religião tradicional.

Os primeiros três missionários viajaram, no dia 13 de outubro, a Guiné Bissau. Residem inicialmente numa casa alugada, pois desejam ser testemunho de fé e de pobreza para a população local. Acompanhados por pessoas da comunidade iniciaram, de imediato, a construção de uma casa modesta de acordo com a realidade do povo, onde residirão a partir de março de 2015.

A Missão Católica em Quebo tem data exata para início, mas não se prevê um término, pois a Igreja do Paraná enviará constantemente novos missionários. O sonho é que permaneçam constantemente no local em torno de 12 missionários.

Num terreno espaçoso recebido em doação de uma paróquia da Itália serão construídas casas para abrigar os missionários, uma igreja, uma escola e também um pequeno hospital. A atuação dos missionários se dará em três frentes: evangelização, educação e saúde.



Os novos missionários despedindo-se do Brasil